

**O ROMANCE FLUMINENSE DE AUTORIA FEMININA:
DESTAQUE PARA PERSONAGENS FEMININAS EM DOIS
ROMANCES DO “CICLO PARADA DE DEUS”,
DE MARIA ALICE BARROSO**

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt (UENF)

dr.analucialima@gmail.com

Camila Soreano da Silva Oliveira (UNIFSJ)

camila23junho@gmail.com

Ester Portugal da Silva Rocha (UNIFSJ)

portugal.ester20@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é o resultado das pesquisas que envolvem os romances da escritora fluminense Maria Alice Barroso. Especificamente, este trabalho objetiva apresentar mais detidamente os perfis femininos de dois romances da autora: “Quem matou Pacífico?” (1969) e “A saga do cavalo indomado” (1988) a partir do olhar também feminino da escritora, que escolheu um recanto do Noroeste Fluminense chamado por ela de Parada de Deus para ser seu chão ficcional. Nesse universo claramente povoado por homens poderosos, detentores de títulos de capitães e coronéis oferecidos pelo poder político, o destaque para a construção de perfis femininos realça o olhar crítico da própria autora nascida e crescida neste rincão. Para alicerçar a pesquisa nos valem os de Schmidt (2019) e Warderley (2011).

Palavras-chave:

Autoria feminina. Perfis femininos. Maria Alice Barroso.

ABSTRACT

This work is the result of research involving novels by writer Maria Alice Barroso from Rio de Janeiro. Specifically, this work aims to present in more detail the female profiles of two of the author's novels: Who killed Pacifico? (1969) and The untamed horse saga (1988) based on the also feminine gaze of the writer, who chose a corner of Noroeste Fluminense that she called Parada de Deus to be her fictional ground. In this universe clearly populated by powerful men, holders of the titles of captains and colonels offered by political power, the emphasis on the construction of female profiles highlights the critical gaze of the author who was born and raised in this corner. To support the research, we used Schmidt (2019) and Warderley (2011).

Keywords:

Female authorship. Female profiles. Maria Alice Barroso.

1. Introdução:

A produção literária da escritora fluminense Maria Alice Barroso

começa em 1955 com a publicação do livro “Os Possesiros”, custeado pela escritora iniciante e que trata de um assunto bastante caro no momento de sua publicação: a luta pela terra e as questões de reforma agrária, o que levaria o seu livro para a Rússia, via Jorge Amado, onde ganharia uma tiragem de 600 mil exemplares com o título de “No vale da Serra Alta”.

Maria Alice Barroso tem uma produção literária que abrange 11 livros de ficção, dentre eles, destacaremos cinco que fazem parte do chamado “Ciclo Parada de Deus”, pois tem a cidade de Parada de Deus como chão ficcional. Este ciclo é, prioritariamente, povoado por figuras masculinas fortes, como capitães e coronéis sem patente, mas como muito poder, pois se configura como romances regionalistas. Porém, neste meio, destacam-se algumas figuras femininas que, tal como a própria autora, se destacam por atitudes ora destemidas, ora submissas. O universo trazido por Maria Alice Barroso em seu ciclo regionalista é povoado por mulheres de diferentes comportamentos e visões da vida e vão desde donas de casa recatadas a mulheres à frente do seu tempo passando pela vida das prostitutas e esposas de coronéis.

Os anos 50, início da produção literária da autora, marca uma retração da ficção masculina e aumento de participação feminina. Essa oferta editorial vinha atender às aspirações de um público de mulheres satisfeitas por se verem reproduzidas e analisadas até o esgotamento em personagens construídas por representantes de seu próprio gênero.

De acordo com Wanderley (2011) na introdução de seu livro que buscou catalogar a produção feminina no Brasil de 1964 até a atualidade:

O critério de qualidade, é claro, foi norteador da escolha, mas a análise fundamentou-se principalmente na identificação dos sinais das relações existentes entre o momento histórico vivido pela sociedade brasileira e o discurso narrativo de autoria feminina nos diversos períodos atravessados. (WANDERLEY, 2011, p. 15)

O espaço histórico e social da pequena cidade do Noroeste Fluminense de Miracema influenciou, sim, na constituição e na construção de Parada de Deus para a autora, contudo a própria esclarece que a descrição fiel desta cidade não está em suas mãos. Ainda ousa deixar uma incógnita em relação à realidade ou não deste lugar.

Além disso, a obra da autora é carregada de ideologia, desde o que era imposto pelos coronéis, como veremos logo abaixo, até as atitu-

des das mulheres citadas nos livros, por exemplo. Sua obra, então, pode-se dizer que tem um valor ideológico com a ponta Fiorin (1993).

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. (FIORIN, 1993, p. 28)

Esta pesquisa também se une a uma outra do mesmo grupo de pesquisadoras do Centro de Iniciação Científica do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) que trata de mais três romances da autoria pertencentes ao “Ciclo Parada de Deus”. São eles os romances “Um nome para matar” (1967), “O Globo da Morte: Divino das Flores” (1981) e “A morte do presidente ou A amiga de mamãe” (1994).

2. Continuando o “ciclo Parada de Deus” com o romance “Quem matou Pacífico?”

Alguns críticos intitulam como novela o texto “Quem matou Pacífico?” (1969), pois em comparação aos demais títulos do “Ciclo Parada de Deus” este se mostra uma produção bastante reduzida no número de páginas. Afora isso, tendo a mesma estrutura que um romance, chamaremos o texto aqui de romance como os demais do ciclo.

Esse segundo livro, que virou filme do cinema nacional estrelado por Jece Valadão, Kátia D’Ángelo, Roberto Bonfim e outras figuras estelares do cinema na época.

Esse romance é considerado o primeiro romance policial brasileiro ambientado em meio rural e foi traduzido para o holandês sob o título “Wie vermoord de Pacífico?”, em 1995. Com relação ao fato de ser o primeiro romance policial brasileiro ambientado na província destaca Hélio Pólvora no prefácio da 3ª edição do livro:

O mais certo seria considerar-se um gênero de literatura policial bem definido, e os elementos de ficção policial que se espraiam pelo sistema sanguíneo da ficção em geral. A fronteira exata seria medida pelo ângulo de visão do romancista, pela sua capacidade ou propósito de equiparar o jogo aos problemas universais da condição humana. Nesse caso, as convenções menores de Quem Matou Pacífico?, forçadas pela fidelidade a um gênero popular se diluem no quadro mais amplo de uma ficção, a brasileira, atenta a vários desdobramentos que partem da novelística regional. Surpreendentemente, este novo romance de Maria Alice tem as suas raízes na terra: é um ensaio sobre o patriarcalismo fluminense – e Tonico Arzão, o delegado de perna de pau, émulo subdesenvolvido de Poirot, é

Trata o romance, especificamente, do desvendamento de um crime ocorrido no cemitério de Parada de Deus para onde acorria Pacífico de Moura Alves, irmão de Oceano e dono da Fazenda Santana. O coronel estava de romance com Luzia, a filha do coveiro, que morava no final do cemitério.

A partir da morte do coronel Pacífico, irmão do mais poderoso chefe político da região, o coronel Oceano, a narrativa assume ares de um romance dedutivo à moda de Conan Doyle, no qual o delegado pernetá, Tonico Arzão, procura, por meios não convencionais, descobrir quem matou Pacífico. A esse respeito, destaca Schmidt (2019):

Com a intenção de reforçar essa dúvida em relação à descoberta do autor do crime, a narrativa é constituída por comentários de todos os intérpretes envolvidos no enigma, até que Tonico Arzão, contando com a ajuda de sua falecida mulher, através de sonhos, focaliza sua suspeita em uma personagem. (SCHMIDT, 2019, p. 53)

A partir desse ocorrido, desfilam as mais variadas personagens pelo texto policial, das quais passaremos a analisar as figuras femininas.

As cidades do interior são sempre marcadas pelos mesmos sinônimos. Lugarzinho de paz, pureza e tradição. É onde cada morador faz sua história e os mesmos as compartilham entre si. Onde há segredos e muitos mistérios. Existem os bem vistos pelo povo e também aqueles que já foram rotulados por aquilo que o homem só consegue ver, mas jamais compreender. É neste cenário cheio de descobertas que passa a narrativa em análise.

Há alguns anos atrás existia uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro chamada Parada de Deus. O lugarejo era um lugar de muita euforia, religiosidade e crenças. Neste contexto, acabava de chegar o jovem piloto Roberto Santos, cujo apelido era Beto, que jamais imaginaria que naquele espaço, nomeado por ele como “encrenca de mil demônios”, viveria um romance com tanta adrenalina. Com poucos dias na cidade, Beto já havia cedido seus encantos à jovem Luzia, ao vê-la cavalgar pela madrugada na Linha – rua que acolhia os bordéis de Parada de Deus – fora impossível não se apaixonar. Mas o que Beto não podia pensar é que o coração de Luzia não era dado a apenas um homem e que em sua vida muitos amores já haviam passado. A moça, que era filha de Abigail (em memória) e Joãozão, o coveiro da cidade, logo cedo já se deitara com muitos rapazes na cidade e os deixava perdidamente apaixonados.

dos. Beto, o piloto, o francês, Doutor Pierre – homem civilizado e que acreditava que Luzia era merecedora de todo respeito e carinho, assim como uma virgem, e Pacífico –, casado com Idalina, que acaba por apaixonar-se pela moça e pronto a colocar a mulher para fora e recebê-la em seu casarão –, vão disputar o coração da jovem menina. No entanto, o que ninguém esperava acontece: um assassinato. Pacífico é morto na subida da casa de Luzia que ficava próximo ao cemitério de Parada de Deus. Muitas suspeitas são levantadas, entre estas, os três amantes, e também, Péla-égua, que escondia uma paixão por Luzia. Péla é filho de Maria-Rezadeira com Pacífico, que nunca o aceitou como filho.

A família Moura Alves junto ao delegado da cidade, Tonico Arzão, vão às descobertas do crime e criam uma situação para que o grande segredo seja desvendado. Para a surpresa de todo o povo, a própria esposa de Pacífico o havia matado, pois ouvia o marido gabando-se de seu romance com Luzia e de seu plano de colocá-la para fora da fazenda e fazer da moça herdeira de seu amor e terras.

Dentro da trama destacam-se a presença de algumas figuras femininas. Já mesmo em suas primeiras páginas e merecedora de toda atenção, aparece a jovem Luzia. Esta, filha do coveiro da cidade, senhor Joãozão, e sua mãe Abigail. O casal se conheceu na Linha, onde Abigail costumava ficar. Ao dar à luz à sua filha, Abigail falece e seu pai jamais se casara novamente; dedicando sua vida a cuidar das lápides do cemitério, tomar suas cervejas, mas jamais cuidar de sua filha.

Luzia era um encanto de menina. Como a história menciona, deixava todos os rapazes da cidade de beijo caído. Moça branca, ruiva, corpo perfeito e dona de muitos amores. Logo cedo, a menina já havia perdido sua virgindade em uma tarde de brincadeiras com seu irmão de criação Péla-égua.

Foi aí que vi Luzia, montada num lindo cavalo branco, os cabelos ruivos soltos, muito apumada na sela, por Deus que parecia uma irlandesa, dessas que a gente vê nos filmes de cinema. (BARROSO, 1978, p. 9)

Durante o enredo, a menina moça vive vários romances. Sem medo da vida ou do pensamento das pessoas, Luzia deixa, dos mais novos aos mais velhos, perdidos por seus encantos.

No entanto, era apenas isso que a população sabia acerca da moça. Mas a realidade é que Luzia era apaixonada por sua história e sua mãe e jamais se envergonhava do legado de Dona Abigail. Sentia-se orgulhosa quando alguém olhava para seus feitos e a comparava com a bela mãe,

apesar de nem a ter conhecido.

Ela era a Abigail, mulher linda, sempre vestida de cetim, que não tinha fazendeiro que não ficava de beijo pela minha mãe. [...] E eu não tenho vergonha de ser filha da Abigail, sabe? Não tenho vergonha nenhuma: pelo contrário, até tenho orgulho. (BARROSO, 1978, p. 70)

A jovem menina apesar de também apaixonada por Beto, carregava dentro de si o enorme desejo de crescer na vida e ser a dona das terras de Pacífico. Saudosa da mãe e faltosa dos carinhos do pai, Luzia nunca fora de se importar com o pensamento e ditos do povo da pequena cidade.

Essa Luiza não ligava para o azar, fazendo suas farrinhas, desse lá no que desse, e o povo que se danasse a falar dela. (BARROSO, 1978, p. 9)

A vida é boa procê, Beto. Pra mim ela sempre foi danada de ruim. Ocê nem imagina o que eu já passei, desde meninazinha. (BARROSO, 1978, p. 15)

Como já mencionado, Luzia tinha um amigo-irmão cujo nome era Péla-Égua. O rapaz era filho de Maria-Rezadeira uma das figuras femininas de importância na trama. A mulher sempre teve uma vida muito difícil. Desde pequena trabalhando para ajudar sua família na vargem de arroz e quando mais precisou fora desprezada por estes.

Mocinha negra e de bons modos. Mesmo magrinha, já ia para roça com meus irmãos e meus pais, guentando passar os dias com as pernas metidas na vargem de arroz, um soleirão do capeta queimando a cabeça e colhendo café. (BARROSO, 1978, p. 54)

Em sua mocidade, mulher negra e com corpo de magro de moça, ainda com toda inocência, acabou por entregar-se ao Pacífico de Moura Alves – que amava se aproveitar das negrinhas da fazenda. Neste romance onde ambos se encontraram apenas uma única vez, Maria-Rezadeira, acabou por apaixonar-se perdidamente e ficou grávida do homem e, por este motivo, é colocada para fora da casa de seus pais.

Ai, meu Deus, que perdição foi a minha: o Zé já tava na barriga e eu ainda queimava de paixão, um fogaréu nas entranhas [...] Eu demudei como da água pro vinho, meus pais me tocaram pra fora de casa quando deram tento na minha barriga crescendo, e daí eu vivi excomungada. (BARROSO, 1978, p. 57)

Maria, que só depois tornou-se rezadeira, era uma mulher muito religiosa e espiritualizada. Havia aprendido a crer no Espiritismo junto com o pai Tomás – que era seu amigo e confidente fiel. Este, passou a Maria todos os ensinamentos acerca da cultura e crença e mesmo após

sua morte Maria, agora, Rezadeira, podia o sentir e comunicar-se: “Sossega, filha, é o protetor do falecido Heleno que tá baixando até nós.” (BARROSO, 53.)

E assim, firme em suas crenças e proteções, Maria-Rezadeira viveu toda sua vida de forma muito simples junto de seu filho Péla-égua – carinhosamente chamado por ela de Zé – em uma casa de barro e sapê de só um cômodo e, jamais deixou de amar Pacífico, apesar de todo desprezo dado a ela e seu filho Zé.

A família Moura Alves também tinha sua matriarca. Apesar de pouco aparecer na obra, D. Paula era uma viúva muito respeitada por seus filhos, mas que detestava e nunca havia aceitado a ideia de seu filho Pacífico ter-se casado com uma das negrinhas da fazenda: Idalina. A mulher nunca tinha conhecido a nora e mantinha em algumas partes da trama uma forma dura e objetiva de pensar e se comunicar, conforme destaca a narradora “Apesar de D. Paula não ter querido conhecer o pretume de nora que ela tem...” (BARROSO, p. 61)

Como mencionado linhas acima, Pacífico de Moura Alves, quando ainda jovem, não conseguia negar a queda que tinha por mulheres de pele negra. Por isso, vivia por rodear a fazenda em busca de satisfazer seus desejos carniais. Mas, houve uma moça que não se entregou facilmente, fazendo com que o homem se casasse com ela para que pudesse tê-la para si.

O nome da “felizarda” era Idalina. Moça da pele negra que só após padre, papéis e vestido de noiva, deixou que o Moura Alves pudesse possuir seu corpo.

... a gente só viu o vestido branco, comprido, arrastando a cauda de cetim, que o resto do corpo era do pretume da noite em volta de nós: depois foi o padre... (BARROSO, 1978, p. 62)

O conto de fadas de Idalina durou pouco tempo. A moça levava uma vida triste dentro daquele casarão. Ninguém podia vê-la. O comentário na cidade era esse. Todos os anos Idalina dava ao Pacífico um novo herdeiro, mas o carinho do marido não tivera jamais. Quando chegavam as visitas, rapidamente o homem dava um jeito de escondê-la na casa. Esses eram os dias e a vida da pobre mulher.

Por daí em diante a gente quase não botou os olhos na Idalina, coitada: até que uma vida igual a dela eu não tinha que invejar porque sempre foi triste por demais; presa dentro de casa, e as empregadas contavam pra nós que quando as visitas chegavam, a primeira coisa que “ele” fazia era

mandar ela pra cozinha. (BARROSO, 1978, p. 62)

Como se não bastasse o desprezo do marido, a pobre Idalina ainda tinha que conviver com a triste ideia de saber que o carinho do amado era dado todas as madrugadas à Luzia. Pacífico gostava de se gabar e no seu canto sempre contava para si mesmo as noites com a moça e seus planos com ela e sua esposa sempre o ouvia por trás da janela.

Com todo esse sofrimento e angústia, dia após dia, Idalina acabou dominada pelo ódio do marido e sendo responsável por seu assassinato, para surpresa do povo. Não bastava toda a vida de tristeza, agora, a coitada vivia presa na delegacia de Parada de Deus.

Toda a trama é marcada por mulheres que eram vítimas de uma sociedade machista e um sistema que as rotulava e as excluía:

Vemos Luzia, menina cheia de sonhos e de possibilidades, sendo diminuída pela vida que sua própria história a levou ter; Maria-Rezadeira, uma moça que teve sua inocência roubada por um homem que não soube retribuir todo seu amor e a fez viver uma vida de tristeza e pobreza junto ao seu filho; D. Paula dominada pelo preconceito e ego que rondava seu coração, deixou de desfrutar de momentos com a nora pelo simples detalhe da cor; por fim, Idalina, que fora humilhada por um homem e sujeita a uma vida de solidão por tentar com suas próprias mãos fazer justiça e alcançar a liberdade.

3. A saga do cavalo indomado e o início da história do povoado de Parada de Deus

Dando continuidade à proposta de análises dos perfis femininos nos romances do “Ciclo Parada de Deus”, de Maria Alice Barroso, chegamos no romance “A saga do cavalo indomado” (1988), vencedor do prêmio Jabuti, hoje o prêmio master da Literatura Brasileira.

Sendo o quarto livro do ciclo, o romance acaba sendo cronologicamente o primeiro, pois é ele que narra a saga dos Moura Alves iniciada por Chico das Lavras, também conhecido por Chico das Bestas, o fundador de Parada de Deus e primeiro na linhagem dos temíveis Moura Alves.

Nesse meio tipicamente masculino, ganham destaque mulheres recatadas e subservientes bem como mulheres indomáveis que agora passaremos a analisar mais detidamente.

Como mencionado anteriormente, o livro apresenta em seus escritos a formação da cidade Parada de Deus pelo ex-tropeiro Chico das Lavras, grande devoto de “Cristo Del Rei”. Esse, ao encontrar ouro nas terras de divisa entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, começa a construir tal cenário. Lá, formará uma família com a Sinhá Dina e terá sete filhas e um filho, todos já prometidos a igreja desde a hora do parto.

Já estavam ambos conformados com seus destinos, ao menos era o que pensava Chico das Lavras, quando seu filho José Inácio fugiu com Glorinha, a filha da costureira Didila (sua amante), e desistiu do seminário.

Também havia uma de suas filhas que se diferenciava das demais pelo seu jeito afrontoso de ser. Maria Olegária era a filha mais nova, a única, inclusive, que não havia herdado a simbólica papeira de sua mãe. Com seus cabelos negros e enrolados, possuía o leve tique nervoso de ficar piscando ligeiramente com os olhos. Era muito corajosa, e além do pai, enfrentava qualquer cavalo bravo. Sua relação com um deles, por sinal, o Negro, era o que mais intrigava a todos. Sendo ele um cavalo conhecido como assassino devido em uma ocasião ter matado a coices um menino que havia se atrevido a montá-lo, era com Maria Olegária o contrário. Conversava como se fosse gente com a menina que parecia entendê-lo da mesma forma.

No desenrolar da narrativa, Maria Olegária confessa seu amor pelo padre Cesário e após a repudia do sacerdote foge com um conhecido chamado Honório. Esse, que havia vindo a fazenda para domar alguns cavalos, acaba se apaixonando perdidamente pela moça.

Suas irmãs, depois da morte da Maria Odila, resolveram largar o hábito e voltar para casa causando um enorme escândalo na família. Somente Maria Isabel, Maria das Dores e Hermegarda deram continuidade à promessa de seu pai ao Cristo Del Rei.

Já para o fim da narrativa, a autora dá seguimento a árvore genealógica da família e resume a evolução do local, mencionando personagens que serão detalhados em outras obras do ciclo, como o caso de Maria Corina esposa do bisneto bastardo de Chico das Lavras, o poderoso Oceano, personagens do livro “Um nome para matar”. Também revela o final do ex-tropeiro, que morre depois de dez anos que sua filha foge. Muitos argumentaram que foi de desgosto. Em contrapartida, pouco se ouviu falar de Maria Olegária. Só alguns rumores de um casal de domadores e depois da suposta morte de Honório devido um tombo que que-

brou seu pescoço.

Após o exposto é possível fazer certas considerações a respeito das figuras femininas que são apresentadas no decorrer da narrativa. Figuras estas, que possuem personalidades singulares e conflitantes entre si. Por um lado, havia a submissão presente na vida de siá Dina e de suas filhas que obedeciam a Chico das Lavras como se fosse um próprio Deus. Mantinha-se, dessa forma, o modelo patriarcal e machista preponderante nas famílias dos séculos passados.

A gente que somos filha mulher nunca sentamos do lado do pai: mas Zé Inácio, o Zezé, sempre sentou, porque é filho homem: o único que o pai tem, no meio de sete filhas mulher, Virgem Mãe! (BARROSO, 1988, p. 31)

Em contrapartida, do lado oposto, a narrativa traz à tona a vida de libertinagem da escrava alforriada Maria-você-me-mata, que se tornou prostituta e fez de sua casa um bordel. No entanto, analisando atentamente a realidade da personagem, também é possível observar traços de uma submissão elíptica em torno de sua liberdade, uma vez que se colocava a mercê dos desejos dos homens para conseguir seu “ganha pão”.

[...] a mãe, dona do bordel mais famoso daquelas paragens, essa Maria-você-me-mata, que sempre lhe parecera imensa, vista assim, da porta do seu quarto, porta que ela abria para receber os fregueses ansiosos por seu corpo [...] (BARROSO, 1988, p. 245-6)

Voltando o olhar para a família principal da história, contata-se que assim como as mulheres não podiam sentar à mesa e jantar juntas com a figura masculina, estas tinham que ficar de pé, enfileiradas e observar a cena fazendo silêncio. Além disso, Siá Dina ensinava às suas filhas a não questionarem e conversarem muito pouco, somente o necessário. A esposa de Chico das Lavras possuía tamanha submissão pelo seu marido que permitia a presença de uma amante, a costureira Didila, dentro da própria casa.

E foi arrastando os tamancos pelo corredor, sem se importar com o que mulher ou as filhas ou o próprio padre Cesário poderiam pensar daquela sua caminhada diária para o quarto da costureira Didila. (BARROSO, 1988, p. 36)

Dessa maneira, Chico das Lavras se divertia toda a noite com Didilas em qualquer tipo de interferência ou oposição da esposa. Essa, apesar de ser a amante “oficial” do ex-tropeiro, também não detinha de nenhum tipo de poder ou regalia. Era totalmente passiva aos desejos e anseios de seu padrão. Sempre quieta no quarto, poucas eram as vezes que

alguém da casa conseguia vê-la. E quando acontecia, tratava logo de se retirar do local de cabeça baixa. Sua atitude só fora diferente na ocasião que sua filha havia fugido. Nesse dia, em busca de notícias, ousou ir até junto da família de Chico das Lavras pedir informações.

Foi naquela hora que a costureira Didila entrou na sala, coisa que ninguém esperava que pudesse acontecer: nunca que ela teve coragem de enfrentar a mãe, nunca! (BARROSO, 1988, p. 143)

As filhas de Siá Dina possuíam quase o mesmo comportamento e inclusive a papeira hereditária, tirando a mais jovem, Maria Olegária. Eram sete meninas: Hermenengarda, conhecida como Memém, a filha mais velha. Essa possuía cabelos loiros que andavam sempre presos em coque e sabia tear como ninguém, trabalhando direto em sua máquina; Dorotéia, era a que mais parecia com a mãe, cuja papeira se destacava; Tudinha chamava atenção pelo seu olhar espantado; Maria das Dores possuía um jeito estranho de bordar e vivia desmanchado seus trabalhos; Maria Odila era a mais doente, sempre muito amarela; Maria Isabel (Bebel) era encontrada sempre rezando, com suas mãos entrelaçadas falando baixinho e olhando para o céu; somente Maria Olegária fugira do perfil daquelas meninas.

A mais nova, Maria Olegária, já encorpando, dois pequenos pontos como bustos, os cabelos muito negros e aquele jeito de pisca-pisca os olhos, que transmitia a impressão de estar profundamente interessada por tudo quando se passava ao redor. (BARROSO, 1988, p. 29)

Apesar de muito nova, Maria Olegária prestava atenção em tudo o que acontecia, contrariando os ensinamentos que fora lhe passados desde nova. Inclusive, a caminhada do seu pai toda noite para o quarto da Costureira Didila era um dos pontos que mais a intrigava. Sua curiosidade era imensa para saber o motivo daquelas visitas. Até que, de tanto refletir, começou a entender...

Eu não sabia por que, a cada noite, ele passava pelo corredor, arrastando os tamancos, e sumia no quarto da costureira Didila. [...] Foi muito tempo depois que comecei a pensar nas visitas do e meu pai e lembrar do jeito pesado que o Soberano, o touro daqui da fazenda, caminhava pra cobrir a vaca... (BARROSO, 1988, p. 25)

Além de curiosa, a menina também era muito querida pelos escravos, uma vez que sempre os defendia dos castigos impostos pelo pai. Também os tratava sem superioridade, tornando-se amiga de todos como relatou um dos escravos no trecho em que falava sobre a menina a Honório:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É que a sinhazinha é igual que uma flor que aparece diferente do resto do canteiro. Aqui, nessas bandas, os negros todos gostam dela, são banheiros com ela. (BARROSO, 1988, p. 81)

Era mesmo uma flor diferente. Apaixonada pela liberdade, recusava-se a ir para o convento. Queria ser livre junto com seu cavalo, o Negro. Durante uma conversa com o padre Cesário, deixou tal anseio bem claro, o que levou o sacerdote a ficar sem palavras

Eu não quero nenhum rombudo me atazanando os miolos, não senhor! Eu quero é ser livre, livre como os passarinhos, livre como os índios selvagens, que nem o pai consegue sojigar! (BARROSO, 1988, p. 47)

No entanto, devido a ser destemida, acabou se apaixonando pelo padre local e apesar dos relatos de que poderia virar mula sem cabeça. Confessou seu amor antes de fugir como uma última tentativa de ser correspondida pelo sacerdote.

Mal abriu a capela, eu me escondi atrás da porta, colada na parede, e até podia escutar meu próprio coração batendo como um bicho assustado dentro do peito. (BARROSO, 1988, p. 41)

Apesar de não obter sucesso, nem reciprocidade no seu amor, a filha mais nova de Chico das Lavras não se deixou abalar e fugiu com seu cavalo Negro na companhia de Honório. A menina, que para a mentalidade da época, saiu completamente do esperado, conseguiu viver, enfim, sua liberdade. Embora o livro não deixe claro como sua vida se findou depois daquele dia, o grande legado da personagem já havia sido construído. Este, que mostrou que a figura feminina pode ir muito além dos padrões impostos, alcançando seus sonhos e fazendo seu próprio destino.

Como mencionado anteriormente, o livro traz um percurso cronológico dos familiares da família Chico das Lavras. Personagens que serão tratados nos outros livros do Ciclo Parada de Deus. No entanto, os breves relatos dados para apresentar esses codinomes já foram suficientes para demonstrar que poucas foram as mulheres que conseguiram evoluir desse comportamento de submissão. A maioria continuou sendo vítima do pensamento e padrões seculares, como foi o caso de Maria Corina que se casou com o bisneto de Chico das Lavras, o poderoso Oceano. Essa, que teve sua morte vista como um suicídio, quando na verdade havia levado um tiro nas costas por conta dos ciúmes do marido, mas isso já é outra história...

4. Considerações finais

O destaque dado a personagens femininas da autora fluminense Maria Alice Barroso, principalmente dentro do “Ciclo Parada de Deus”, vem ao encontro da necessidade de destacar a narrativa feminina premiada e com destaque que foi escrita no Brasil entre os anos 50 e 90 do século XX.

Cumprido destacar que, por se tratar o ciclo de romances regionalistas, povoados de personagens tão poderosos e também por ser o ciclo inspirado na terra natal da autora, a cidade de Miracema, a própria sofreu retaliações por coincidências de ações narradas com fatos historicamente ocorridos no seu torrão natal.

Ainda assim, a autora feminina não se curvou a desmandos imperados, que impediram inclusive a circulação e divulgação de suas obras na sua cidade natal, completando o seu ciclo de cinco romances e fazendo uma dedicatória no livro “A saga do cavalo indomado”, destacando que ela, a autora, também é indomável tal qual a personagem principal da narrativa e o cavalo Negro, daí a importância do destaque da figura feminina da autora e também de “suas mulheres”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Maria Alice. *Quem Matou Pacífico?* Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *A saga do cavalo indomado*, Rio de Janeiro: Record, 1988.

FIORIN, José Luiz. 1993. *Linguagem e ideologia*, São Paulo, Ática.

SCHMIDT, Ana Lúcia Lima da Costa (Org.). *Maria Alice Barroso, um nome para lembrar: a identidade regional de uma autora nacional*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

WANDERLEY, Marcia Cavendish. *Mulheres – prosa de ficção no Brasil 1964-2010*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.